0398

AS MAIS BELAS HISTÓRIAS INFANTIS DE TODOS OS TEMPOS

O Pequeno Polegar



EDITORA GLOBO

O Pequeno Polegar



Ilustração: Max

EDITORA GLOBO



Um casal de lenhadores tinha sete filhos, todos meninos. O mais velho estava com doze anos. O menorzinho, de apenas seis, era do tamanho de um dedão, quando nasceu. Por isso, em vez de nome, recebeu só um apelido: Pequeno Polegar. Depois, até que cresceu um pouco, mas continuou sendo bem miudinho para a idade dele.

O Pequeno Polegar quase nunca falava. E, de tanto vê-lo quieto, algumas pessoas pensavam que ele era meio bobo. Mas não era, não. O menino tinha uma inteligência incrível e trabalhava mais que muita gente grande.

Toda manhã ele e a família iam cortar lenha na floresta para vender na cidade. Mas não tinham muitos fregueses, de modo que mal conseguiam ganhar o bastante para não passar fome. Os negócios pioravam cada vez mais, e uma hora os pais dos meninos se viram sem dinheiro até para comprar comida.

— Só temos pão para três dias — disse a mulher. — O que vai ser das crianças?

O lenhador pensou bem e decidiu:

— O jeito é soltar os meninos na floresta. E rezar para que achem alguém que tome conta deles.

A mulher, coitada, só chorava, sem dizer nada. Ela não queria se separar dos filhos, mas também não queria que passassem fome.

— Amanhã, vamos cortar lenha bem longe — disse o marido. — E, quando os garotos se distraírem, sairemos sem que percebam. Eles não vão saber voltar para casa.

Escondido embaixo do banco, o Pequeno Polegar escutou tudo. Mais tarde, quando todo mundo dormia, saiu pé ante pé e catou uma porção de pedrinhas brancas.



No dia seguinte, a família foi cortar lenha lá no meio da floresta. E o Pequeno Polegar foi largando as pedras pelo caminho.

Quando viu que os filhos se distraíam com o trabalho, o casal se afastou e sumiu.

— Ué... — disse, depois, o irmão mais velho. — Cadê o papai e a mamãe?

Os outros meninos olharam em volta, já meio assustados. Mas o menorzinho os acalmou:

— Eles foram mais para lá, e voltam logo.

Os garotos continuaram trabalhando até quase escurecer. E os pais não voltaram.

— Acho que eles se esqueceram de nós — disse o menino de boné amarelo.

— É mesmo — concordou o mais velho.

— E agora? — perguntou o loirinho. — Como é que nós vamos voltar...?

Cada um olhou para o outro e os seis maiores se abraçaram, chorando.

— Estamos perdidos! — gritavam.

— Não estamos, não — disse o Pequeno



Polegar. — Eu marquei o caminho com pedrinhas. Venham atrás de mim.

Os irmãos ficaram espantados com tanta esperteza, mas obedeceram sem piscar. E, quando a noite caiu, estavam bem pertinho de casa, pulando de alegria.

O pai e a mãe ficaram contentes com a volta dos filhos. Mas a alegria durou pouco. Assim que os meninos foram se deitar, caindo de cansaço, o homem disse para a mulher:

— Amanhã, vamos largar essa criançada ainda mais longe.

Outra vez o Pequeno Polegar ouviu a conversa. E, depois que todos dormiram, ele tentou sair para pegar pedras. Mas a porta estava trancada com um cadeado enorme.



O menino não conseguiu sair, mas não desanimou. Tratou de pensar bastante. E achou outra solução.

— Amanhã, eu marco o caminho com o pão que a mamãe vai me dar — resolveu.

E foi dormir também, conformado com a idéia de passar fome no dia seguinte.

De manhã bem cedo, ele ficou no fim da fila. E, enquanto andava, ia partindo o pão e jogando migalhas pelo caminho. Mas os passarinhos da floresta viram a comida. E, esfomeados como são, caíram em cima e devoraram tudo. O Pequeno Polegar nem percebeu.



O pai e a mãe esperaram os meninos se distraírem, e desapareceram. Os garotos viram, mas não ficaram preocupados. Eles pensavam que o menorzinho ia levar todos para casa. Só que desta vez não puderam voltar, porque os passarinhos tinham desmarcado o caminho.

— Agora, estamos perdidos mesmo — choramingaram eles. E, para aumentar o desespero, dali a pouco despencou uma tremenda tempestade. Seis garotos se encolheram embaixo de uma árvore. O Pequeno Polegar subiu num galho e olhou para todos os lados, para ver se encontrava algum lugar onde pudessem se abrigar.

— Está vendo alguma coisa? — perguntou um dos irmãos.

Ele ia dizer que não quando um raio clareou o céu.

— Estou vendo um casarão lá longe — respondeu.

— Oba! — gritaram todos. — Vamos já para lá.



O casarão era de um bruxo que gostava de comer criança. Mas os meninos não sabiam disso e bateram na porta, bem contentes. Por sorte, o bruxo não estava em casa naquela hora. Quem atendeu foi a mulher dele.

— Ah! — exclamou ela, muito nervosa. — Vão embora! O bruxo que mora aqui chega a qualquer momento. E vai comer vocês.

Os meninos olharam uns para os outros, mais assustados que antes. Só o Pequeno Polegar não perdeu a calma.

— O bruxo não está — disse ele. — Então, deixe a gente entrar só um pouquinho, até a chuva parar...

A mulher pensou, pensou, e resolveu deixar os meninos entrarem. Afinal, os coitadinhos estavam encharcados, e o bruxo podia demorar para voltar. Quem sabe não dava tempo até para a criançada secar a roupa e comer alguma coisa?

— Entrem — disse ela. — Vocês estão com fome?

— Estamos... — respondeu o Pequeno Polegar.

— Eu vou esquentar uma sopa para vocês — disse ela. — Enquanto isso, sentem na frente do fogo.

Os garotos obedeceram bem depressa. Mas não tiveram tempo nem de se secar no calor nem de comer, porque dali a pouco alguém abriu a porta da frente.



— É o bruxo — cochichou a mulher para os meninos. — Venham comigo!

Apavorados, os sete correram atrás dela e se enfiaram embaixo de duas camas.

— Fiquem bem quietinhos aí — disse ela. — Eu vou dar comida para o bruxo.

A mulher foi correndo pôr na mesa uma carne assada e um copo de vinho. O bruxo começou a comer com um apetite de gigante. Mas, assim que forrou o estômago, passou a prestar atenção e farejar o ar.

— Humm... — resmungou ele. — Estou sentindo cheiro de menino. E acho que vem de lá do quarto.

A mulher disse que era
impressão dele, mas o bruxo
não quis saber. Saiu da mesa e
foi procurar os garotos. Logo
achou os sete, e o primeiro que
agarrou foi o Pequeno Polegar.

— Não faça mal para a gente!
— imploravam cinco dos irmãos.

— Socorro! —
gritavam os outros dois.

Rindo muito do medo deles,
o bruxo disse para a mulher:

— Ande, vá logo fazer um bom
ensopado de menino para mim.

— Mas eles são tão magrinhos!
— respondeu ela. — Espere
até que engordem um pouco...

— Está bem — concordou o bruxo.
— Comece a engordar esses palitos.

A mulher levou os meninos para a
mesa e serviu para eles um monte de
comida. Mas os pobrezinhos
estavam tão apavorados que
não conseguiram comer nada.





Vendo que os garotos tinham perdido a fome, a mulher tratou de esvaziar os pratos, para o bruxo não ficar bravo.

Dali a pouco, ele entrou na sala, todo sorridente.

— Que bom! Comeram tudo! — exclamou. — Já devem estar prontos para a panela...

— Ainda não — respondeu a mulher. — Você precisa esperar mais alguns dias, se quiser um bom ensopado.

— Paciência! Eu espero — disse ele. — Dê um gorro para cada um e leve todos para o quarto das meninas.

As meninas eram as sete filhas do bruxo. Cada uma usava sua coroa de ouro. E todas dormiam numa cama enorme. Mas, quando brigavam, dormiam em dois grupos. Por isso havia no quarto duas camas iguais.

A mulher deitou os garotos na segunda cama e saiu. Eles estavam tão cansados que, apesar do medo, logo pegaram no sono. Só o Pequeno Polegar ficou acordado.

"Esse bruxo deve estar aprontando alguma...", pensou ele. E, sem fazer barulho, levantou e trocou os sete gorros pelas sete coroas. Depois, se deitou e esperou.

Lá pela meia-noite, o bruxo entrou no quarto. Ele estava desconfiado que a mulher ainda ia dar um jeito de fazer os meninos escaparem, com aquela história de precisar engordá-los. Por isso, decidiu matar os sete naquela noite.

No escuro, ele foi até a cama dos garotos. Mas, quando tocou as cabecinhas, percebeu que as crianças estavam de coroa. Foi para a outra cama. Apalpou, sentiu a lã macia dos gorros e achou que eram os irmãos. Então pegou a faca e matou as sete bruxinhas.

— Amanhã cedo, mando a mulher preparar o meu ensopado de menino — resmungou. E foi dormir.

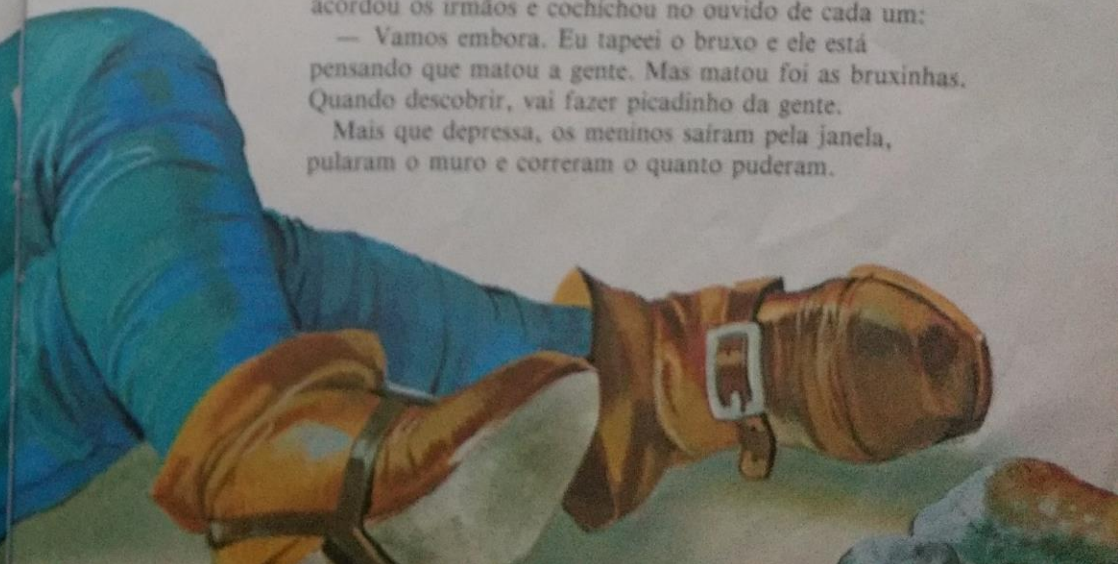




O Pequeno Polegar estava prestando muita atenção. Assim que ouviu o bruxo roncar feito um porco, acordou os irmãos e cochichou no ouvido de cada um:

— Vamos embora. Eu tapeei o bruxo e ele está pensando que matou a gente. Mas matou foi as bruxinhas. Quando descobrir, vai fazer picadinho da gente.

Mais que depressa, os meninos saíram pela janela, pularam o muro e correram o quanto puderam.



De manhã cedo, o bruxo já acordou lambendo os beiços, só de pensar no ensopado de menino. E falou para a mulher:

— Comece logo a fazer o meu almoço. Acordei com uma fome de cão.

— E o que é que você quer comer? — perguntou ela. — O carneiro que sobrou do jantar?

O bruxo riu e respondeu.

— Não... Os moleques...

— Você matou aqueles coitadinhos? — indagou a mulher, horrorizada.

— Claro. Achei que era bobagem esperar que eles engordassem.



Choramingando de pena dos meninos, a mulher foi até o quarto. E, quando viu uma cama vazia e a outra com as sete bruxinhas mortas, caiu num berreiro de dar dó.

O bruxo não gostou nada daquela choradeira, e foi lá brigar com a mulher. Mas, assim que entrou, viu que tinha matado as próprias filhas em vez dos garotos. E começou a gritar tão alto e com tamanha força que as paredes do casarão chegaram a estremecer.

— Ah, moleques dos infernos! Vocês me pagam!

E gritando, gritando, foi calçar umas botas mágicas que ele tinha. Eram botas de sete léguas, que faziam qualquer pessoa caminhar mais depressa que um carro. Com elas, o bruxo atravessou, num instante, estradas e rios, campos e vilas. Andou para lá e para cá. E nada de encontrar os sete meninos.

— Onde será que aqueles capetas se enfiaram? — perguntou, olhando para tudo que era canto.

O bruxo já estava cansado de caminhar. As botas de sete léguas pesavam que nem chumbo. Então, ele deitou perto de umas pedras e dormiu.

Acontece que os garotos tinham ouvido a gritaria do bruxo e estavam escondidos bem atrás daquelas pedras. O Pequeno Polegar espiava por um vão. Quando viu o malvadão cair no sono, saiu do esconderijo.

"Estas devem ser as tais botas de sete léguas", pensou ele, muito interessado. "Dizem que servem no pé de qualquer pessoa. Vou experimentar."

Era verdade. As botas mágicas cresciam ou encolhiam conforme o tamanho dos pés. Por isso, serviram direitinho para o Pequeno Polegar. E lá se foi ele para a casa do bruxo. Chegou com a língua de fora, de tão cansado, e foi logo dizendo para a mulher:

— Uns ladrões pegaram o marido da senhora... *uff*... *uff*... E disseram que ele vai morrer ... *uff*... se a senhora não mandar todo o ouro que tem em casa... *uff*...*uff*... O bruxo me emprestou as botas dele e disse para eu levar o tesouro...



Aflita do jeito que estava com a morte das bruxinhas, a mulher nem desconfiou de nada. Levou logo o menino para dentro. E os dois juntos, num minuto, puseram num saco tudo quanto era coisa de ouro que existia em casa.



O saco de ouro era do tamanho do menino. Mas ele conseguiu colocá-lo nas costas e foi embora para casa. Os pais ficaram radiantes quando ele chegou.

— Filhinho! Você voltou! — exclamou a mãe.

— E os seus irmãos? Onde estão? — perguntou o pai.

— Estão escondidos. Não se preocupem. Eu já vou buscar todo mundo — respondeu o garoto. — Por enquanto, só vim trazer este tesouro...

O Pequeno Polegar entregou ao pai todas as moedas e jóias e taças de ouro que o bruxo tinha juntado em anos e anos de roubalheira. Até as coroas das bruxinhas, que não tinham sido roubadas, estavam ali no saco.

Depois o menino foi buscar os irmãos. Reunida de novo, a família viveu rica e feliz até o fim da vida. E nunca deixou que ninguém por ali passasse fome.



ISBN 85-250-0907-5

9 788525 009074